

Título do capítulo	CAPÍTULO 5 – ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS PESQUISAS DE FRONTEIRA: MÉTODOS E TÉCNICAS A PARTIR DAS MIGRAÇÕES
Autores	Alessandra Rufino Santos
DOI	http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-067-7/capitulo5

Título do livro	FRONTEIRAS DO BRASIL: O LITORAL EM SUA DIMENSÃO FRONTEIRIÇA
Organizadores	Bolívar Pêgo (Coordenador) Líria Nagamine Caroline Krüger Rosa Moura
Volume	8
Série	-
Cidade	Brasília
Editora	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)
Ano	2023
Edição	-
ISBN	978-65-5635-067-7
DOI	http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-067-7

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2023

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS PESQUISAS DE FRONTEIRA: MÉTODOS E TÉCNICAS A PARTIR DAS MIGRAÇÕES

Alessandra Rufino Santos¹

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo concentra-se em uma pesquisa documental e bibliográfica de abordagem qualitativa, que tem como objetivo contribuir com o debate a respeito dos métodos e das técnicas para pensar as pesquisas sobre as migrações em contextos fronteiriços. Em outras palavras, a proposta do capítulo é discutir as potencialidades de enfoques metodológicos do ponto de vista qualitativo, como é o caso da história oral, que fornece um fundamento básico para o entendimento de que “fazer pesquisa de campo nas regiões de fronteira é se situar diante de um fazer social, com suas sociabilidades, dinâmicas, esquemas, complexidades e contradições” (Cardin, Albuquerque e Paiva, 2018, p. 15).

Nessa perspectiva, a seção 2 do texto parte de uma preocupação comum das ciências humanas e sociais em abordar uma caracterização da fronteira terrestre em diálogo com a fronteira litorânea. Assim sendo, torna-se necessário, na seção 3, focar as fronteiras como espaços sociais e simbólicos em construção, que evidenciam transformações em modos de vida e maneiras de vivenciar, pensar e praticar cidadanias, línguas e símbolos marcados por linhas de diferenças e desigualdades entre territórios, mas também por sobreposições de identidades e misturas culturais (Cardin, Albuquerque e Paiva, 2018).

A complexidade da temática *fronteira* exige do pesquisador a adoção de uma postura teórico-metodológica capaz de compreender as “situações de fronteira” como pontos de partida, mas também pontos de chegada dos processos migratórios. Nos limites deste texto, as “situações de fronteira” são evidenciadas como responsáveis pela constituição de diálogo, de encontro. Esta abordagem remete à reflexão de que a fronteira é limite, mas também lugar de passagem, lugar de encontro. A fronteira é espaço de contato entre Estados e povos. Neste ponto, em vez dos modelos de deslocamentos de população, sugere-se para o espaço fronteiriço, sobretudo terrestre,

1. Professora de história no curso de licenciatura em educação do campo (Leducarr) e no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), ambos da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: <alessandra.santos@ufrr.br>.

“a análise da migração,² enquanto um acontecimento histórico, que atinge os(as) que partem e os(as) que ficam, constituído por elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, visto sob a ótica das organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia” (Silva, 2007, p. 58).

Essas reflexões conduziram à abordagem, na seção 4, da identificação da metodologia que sustenta a relação entre fronteira e migração, que é a história oral, “um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por um outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar” (Queiroz, 2008, p. 42). A metodologia de história oral tem sido privilegiada no estudo de trajetórias, mediante entrevistas semiestruturadas ou histórias de vida. No caso específico deste capítulo, é importante deixar claro que a utilização da história oral no estudo das fronteiras, relacionado com as migrações, não tem a finalidade de ser somente técnica de levantamento de dados, mas tem um propósito epistemológico e ideológico (Trebitch, 1994).

A fim de deixar mais claro o uso da história oral, a seção 5 evidencia essa metodologia de pesquisa como parte da história dos excluídos, minorias, imigrantes, que se situa em um diálogo entre a história oficial e a “história vista de baixo”, como propõe Trebitch (1994). A história oral, ao estudar a experiência dos grupos citados, “contribui para uma perspectiva teórica, que contempla o agir humano no fazer-se da história, onde as práticas sociais são múltiplas, diversas e particulares” (Silva e Menezes, 2007, p. 70). Neste sentido, coletar depoimentos orais de imigrantes em uma sociedade fronteiriça implica pensar o lugar da narrativa nesta sociedade, em que o cotidiano é caracterizado pelas causas e motivações que estão na origem dos diferentes deslocamentos populacionais, marcados pelas redes de relações sociais.

Por isso, é desafiador para este estudo abordar algumas dimensões da fronteira, do ponto de vista da pesquisa. O grande desafio corresponde a expor que as experiências migratórias e as narrativas de fronteiras produzem novos significados para essas regiões. Assim, nas considerações finais, são apresentadas reflexões sobre os pressupostos que balizam as pesquisas de fronteira com suporte qualitativo, visando à compreensão dos fundamentos técnicos a partir dos avanços e limites de cada tipo de investigação.

2. No decorrer deste capítulo, o conceito de migração será utilizado para se referir tanto a imigração quanto a emigração, da mesma forma que o conceito “migrante” corresponderá simultaneamente a emigrante e a imigrante. Essa escolha se fundamenta em Sayad (1998), que reconhece a emigração e a imigração como duas faces de uma mesma realidade; devido ao país de origem que se pretende deixar, o que se destaca é o emigrante, que se torna imigrante ao adentrar as fronteiras do país de acolhimento.

2 CARACTERIZAÇÃO DA FRONTEIRA TERRESTRE EM UM DIÁLOGO COM A FRONTEIRA LITORÂNEA

O termo “fronteira” implica, historicamente, o que a etimologia sugere: o que está na frente (Machado, 2000). Atualmente, é utilizado em vários sentidos simbólicos ou figurados, “como fronteira social, fronteira moral, fronteira epistemológica, fronteira militar, fronteira entre consciente e inconsciente, fronteira linguística, fronteira entre o bem e o mal, etc.” (Ferrari, 2014, p. 2). Apesar disso, a origem histórica da palavra “fronteira” evidencia que seu uso não estava relacionado a nenhum conceito legal e que não era um conceito político (Lima e Leite, 2012).

Na literatura sobre o tema, é possível encontrar a explicação voltada para o pressuposto de que a fronteira nasceu como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. Conseqüentemente, à medida que os padrões da civilização foram se desenvolvendo e ocupando os espaços da economia de subsistência, as fronteiras tornaram-se lugares de comunicação e, por conseguinte, adquiriram um caráter político.

No entanto, Lima e Leite (2002) afirmam que a fronteira não tinha a conotação de uma área ou zona que marcasse o limite definido ou o fim de uma unidade política. Na verdade, o sentido da fronteira era de começo do Estado e não de fim, isto é, o lugar para onde ele tendia a se expandir. Neste sentido, cabe mencionar a tese desenvolvida pelo historiador americano Frederick Turner (1998), autor do texto clássico *The significance of frontier in the American history*, que se sustenta na caracterização da expansão do povoamento no Oeste norte-americano, contribuindo com o pressuposto de que os Estados Unidos são diferentes da Europa.

Segundo Albuquerque (2010, p. 580), a experiência histórica dos Estados Unidos no século XIX produziu um novo significado de fronteira, “vista agora como frente de expansão dos pioneiros que passaram a ocupar os *espaços vazios* do território nacional na famosa *Marcha para o Oeste*”. É importante complementar que a tese de Turner (1998) é favorável para problematizar dois sentidos do termo fronteira, que são diferenciados por meio das palavras inglesas *border* e *frontier*. Albuquerque (2010) discorre sobre isso e expõe que *border* corresponde a fronteira entendida como divisão política e administrativa dos Estados Territoriais. Por sua vez, *frontier* refere-se ao movimento de ocupação da fronteira interna por parte de agentes portadores do ideal do individualismo e da democracia.

Do ponto de vista do debate em torno da fronteira terrestre apresentado até aqui, é evidente que a fronteira é uma zona de transição entre a civilização e a selvageria, que, em meados do século XX, adquiriu novos sentidos. Neste caso, é possível citar os estudos antropológicos, culturais e pós-culturais. Entre esses estudos está a obra intitulada *Os grupos étnicos e suas fronteiras*, de Frederick Barth (1998), que disseminou “o uso do termo fronteira relacionando-o às formas de organização

social e política dos grupos a partir de suas zonas de contato e diferenciação em relação aos outros grupos” (Albuquerque, 2010, p. 580).

Os diferentes sentidos da fronteira terrestre fazem parte de discussões teóricas e epistemológicas mais abrangentes no campo das ciências humanas e sociais. Ao sistematizar esse debate em torno da fronteira litorânea, Pêgo *et al.* (2021, p. 285) expõem que essa condição fronteiriça “tem importância e especificidade que ainda não foram absorvidas nos estudos gerais sobre fronteiras”. No caso específico do Brasil, um acontecimento importante “é a recente conquista de mais de 712 mil quilômetros quadrados de águas jurisdicionais, onde o Brasil exerce direitos de soberania” (Furquim Junior, 2007, p. 5). É bem provável que esse fato contribua com o processo brasileiro de territorialização do espaço litorâneo.

Uma das formas de destacar a fronteira litorânea a partir dos pressupostos da fronteira marítima é baseando-se em Viana (1948), que recorre ao geógrafo alemão Ratzel para afirmar que a fronteira marítima era a única que poderia ser considerada natural, por significar o obstáculo com maior dificuldade de ser transposto. Sob esse ponto de vista, Mendes (2006) considera que o elemento marinho possui as seguintes características negativa e positiva, respectivamente: i) pode ser um obstáculo ao mesmo tempo político e militar, o que implicou a separação dos povos desde os tempos primitivos; e ii) pode ser fonte de riquezas e meio de circulação, permitindo uma maior integração entre as sociedades.

É importante chamar atenção para outra característica da fronteira litorânea: as faixas de fronteira constituídas nas últimas décadas são temas de discussões e de requisições de ampliação no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU). Esta ampliação proporciona uma diferenciação entre a fronteira terrestre e a fronteira litorânea. Enquanto na fronteira terrestre as questões de limites tendem a ser resolvidas de modo bilateral, na litorânea essas questões são tratadas primeiramente no âmbito das convenções internacionais e decididas pela ONU (Furquim Junior, 2007).

O contexto mencionado é fundamental para o aprofundamento do debate sobre a proliferação das fronteiras no mundo contemporâneo. Isso significa considerar as fronteiras terrestre e litorânea como instituições sociais complexas, marcadas por tensões que se desenvolvem entre práticas de *fortalecimento* e práticas de *atravessamento* (Vila, 2002). No caso específico do Brasil, é possível aproximar a fronteira terrestre da fronteira litorânea, mesmo que ainda de forma tímida. Furquim Junior (2007, p. 199) explica que “a ocupação territorial nessas duas faixas de fronteira traz como unidade a história da constituição do território brasileiro, embora tenha ocorrido por processos específicos”. O autor reforça que, como consequência disso, nos municípios e estados orientais do Brasil, resultaram as mais altas densidades populacionais do território.

Cabe aqui mencionar que todos os acontecimentos característicos das fronteiras terrestre e marítima “constituíram uma intensa densidade de fatos históricos de dimensões internacionais, interoceânicas, entre lugares distantes que viviam situações distintas” (Furquim Junior, 2007, p. 204). Nesse ponto, mesmo que os aspectos da diversidade social e cultural, presentes na fronteira terrestre, não se verifiquem do mesmo modo na fronteira marítima, é certo que o espaço oceânico possui inter-relação com os processos econômicos e políticos mundiais. Sob esse ponto de vista, podemos considerar a fronteira marítima como “o limite do domínio marítimo de um país costeiro em relação às águas de outro país” (Vargas, 2017, p. 67), sendo que sua linha “constitui um prolongamento da linha de fronteira terrestre” (Vargas, 2017, p. 89).

É justamente nessa perspectiva que a relação entre migração e fronteiras desenvolveu um importante papel. A este respeito, os estudos das migrações fronteiriças, no campo das ciências humanas e sociais, enfatizam a dinâmica da mudança social e cultural produzida pela integração dos migrantes à sociedade de acolhimento.

Assim, a vida social em uma área de intersecção numa região de fronteira entre Estados nacionais “é diferente da que se vive em áreas situadas no miolo do Estado” (Bento, 2012, p. 22). Pode haver, então, conflitos e integração, o que faz a fronteira ser considerada “um espaço social marcado pela diversidade” (Mazzei, 2001, p. 44). Nessa mesma vertente, a presença de migrantes, nos espaços fronteiriços, faz a migração aparecer como mobilidade territorial da população, característica que a aproxima da fronteira terrestre.

Com base nessas considerações, este estudo chega à conclusão de que a fronteira terrestre e a fronteira litorânea possuem implicações para o fenômeno migratório, mesmo que este seja mais próximo da fronteira terrestre, como exposto anteriormente. Por este motivo, a próxima seção tomará como referência a multiplicação e a diversificação das fronteiras, para destacá-las como espaços sociais e simbólicos em construção “que manifestam um renovado desejo por proteção e identidade” (Marinucci, 2015, p. 7).

3 AS FRONTEIRAS COMO ESPAÇOS SOCIAIS E SIMBÓLICOS EM CONSTRUÇÃO

Lugares de passagem de pessoas e de troca de bens materiais e simbólicos, as fronteiras nacionais têm diferentes significados, dependendo dos objetivos de quem as cruza, seja na condição de turista, seja como morador de alguma cidade fronteiriça (Santos, 2018). Do ponto de vista cultural, elas se transformam em um espaço de hibridação (Canclini, 2008), lugar de afirmação identitária e de múltiplas trocas simbólicas. Entretanto, cruzar fronteiras nacionais pode significar se deparar com um lugar de conflitos e de fricções interétnicas (Cardoso de Oliveira, 1963), diante da imposição de valores e interesses de grupos econômicos locais e internacionais.

É certo que alguns autores têm procurado superar uma leitura dicotômica (desconhecido-conhecido, novo-velho) e o entendimento de fronteira apenas enquanto barreira e obstáculo. Martins (2009), por exemplo, faz referência à fronteira como lugar privilegiado da observação científica e do conhecimento sobre os conflitos e as dificuldades próprios da constituição do humano, no encontro de sociedades que vivem no seu limite e no limiar da história. Por isso, nas palavras de Bonnemaison e Cambrezy (1996), a existência de fronteiras não significa somente uma divisão espacial de território, uma vez que elas proporcionam outra visão do mundo, da moral e do direito.

Os possíveis desdobramentos em torno das fronteiras têm importantes implicações para as dimensões simbólicas dos limites que atuam na representação da realidade e na forma como cada indivíduo vivencia a sociedade, o grupo e a cultura (Pesavento, 2002). Essa característica faz que as fronteiras sejam, sobretudo, sociais e simbólicas.

A fronteira social é, na verdade, inerente à condição humana (Almeida, 2012). Fica claro, portanto, que a fronteira tem diversas representações, podendo ser uma fronteira de civilização e uma fronteira de colonização, portadora de um mito fundador de uma nação (Aubertin, 1988). Conforme Martins (2009), a fronteira também pode ser considerada como fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de cultura e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. No campo da fronteira simbólica, Bhabha (2003) aponta que a fronteira é também espaço liminar e processo de interação, que constrói a diferença.

Nesse sentido, as fronteiras simbólicas atuam como mediadoras das relações e interconexões entre o *Eu* e o *Outro*, a partir do jogo de representações e dos sentidos que produz, como destaca Pesavento (2002). Assim, os espaços sociais e simbólicos das fronteiras em constante construção podem representar sentidos culturais e formas de representação da realidade. Mas essa realidade marca o fim das fronteiras?

Martin (2001, p. 432) mostra que as fronteiras “não desapareceram, nem sequer estão menos vigiadas, ao contrário”. Nesta perspectiva, as migrações fronteiriças têm ganhado destaque, em função das enormes transformações econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas experimentadas com o início do século XXI. Deste modo, falar das fronteiras como espaços sociais e simbólicos em construção é falar do múltiplo, do diverso, do plural e de (des)encontros, o que tornou as migrações um campo de estudos fundamental para o entendimento das fronteiras.

Assim, muitos estudiosos problematizam as migrações para os espaços fronteiriços como processos complexos marcados por motivações, formas de interação e de representação que se estabelecem como um processo dinâmico,

caracterizado por uma perspectiva histórica. De acordo com Sayad (1998), o migrante representa um itinerário epistemológico, e as migrações são definidas como história social total. Isso significa que a migração incide nas várias esferas da vida pessoal e social, seja de quem parte, seja de quem fica, transformando suas visões de mundo. Por essa razão, Raffestin (1993) expressa o entendimento de que o espaço fronteiriço adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do território *vivido* pelos membros de uma coletividade e de uma sociedade em geral.

Com essas reflexões, os estudos de Sayad (1998) contribuem para observarmos que, nas ciências humanas e sociais, a mobilidade humana ou a dinâmica migratória representa uma chave de leitura e de entendimento das relações de dominação presentes no interior de uma sociedade. Nessa discussão, as migrações correspondem às dificuldades que as sociedades modernas, inclusive as fronteiriças, apresentam ao se deparar com acontecimentos como as desigualdades sociais, a concentração do lucro e o monopólio das decisões políticas, que acarretam, como consequência, a ausência de políticas públicas migratórias destinadas às demandas das migrações fronteiriças.

Considerando-se ainda as migrações fronteiriças como um fenômeno geográfico que marca os espaços sociais e simbólicos das fronteiras, Marandola Junior e Hogan (2009) nos ajudam no entendimento de que os estudos sobre o tema também corroboram para identificar a construção de novas territorialidades e tessituras na relação com o espaço e o lugar. O que se verifica é que essa característica se reflete nas questões socioculturais do espaço fronteiriço.

Na concepção de Póvoa (2010), o espaço fronteiriço como produto social compreende forma, função, estrutura e processo, aspectos que agem de maneira dialética, expressando o movimento da totalidade social. Para o mesmo autor, o espaço fronteiriço também é visto como produto e condição do meio de reproduzir as relações sociais, bem como de considerá-lo elemento na formação social do processo de urbanização. Essa discussão em torno do espaço fronteiriço oferece uma nova relação acerca da temporalidade e da espacialidade, que vem ocupando o pensamento teórico das ciências humanas e sociais sobre as migrações fronteiriças.

Aliás, tais migrações contribuem com o conhecimento científico produzido acerca da memória histórica e com a construção da identidade cultural (Barth, 1998; Seyferth, 2005). No caso do Brasil, a título de exemplo, as marcas da presença de imigrantes na estrutura e na dinâmica populacional das várias regiões de fronteira apresentam-se de forma diferenciada. As motivações dessas diferenças são resultantes da combinação de uma multiplicidade de fatores envolvidos no duplo movimento de emigração e imigração, que determinam as estratégias individuais e de grupos, além da capacidade de promover sua inserção no contexto social e econômico.

O que podemos perceber é que o tema da identidade e a variedade de trajetória de vida de quem migra se refletem no debate voltado para a fronteira social e simbólica. Considerando essa questão, reconhecemos que a complexidade das migrações fronteiriças exige do pesquisador uma postura teórico-metodológica capaz de compreender a migração como um processo social, e os migrantes como agentes deste processo. Essa abordagem é fundamental para que, na próxima seção, sejam apresentados aspectos das metodologias que evidenciam as aproximações entre a fronteira e a migração.

4 METODOLOGIAS QUE SUSTENTAM A RELAÇÃO ENTRE FRONTEIRA E MIGRAÇÃO

A pesquisa no campo das migrações fronteiriças investiga o migrante e o espaço em que ele vive. Para este propósito, o investigador recorre à observação e à reflexão que o migrante faz sobre as adversidades que enfrenta. Nessa tarefa, a pesquisa depende de fontes documentais orais ou escritas. A utilização adequada dessas fontes de informação auxilia o pesquisador na delimitação clara do próprio projeto, esclarece aspectos obscuros da pesquisa e o orienta na busca da fundamentação e dos meios de resolver um problema (Chizzotti, 2017).

A relação entre as explicações teóricas e a realidade empírica pesquisada nas ciências humanas e sociais é um aspecto fundamental da proposta metodológica presente nos estudos que relacionam a fronteira e a migração com uma orientação questionadora. Nessa ótica, Lucena, Campos e Demartini (2008) frisam que as teorias devem sempre servir ao pesquisador como hipóteses de trabalho. Para tanto, as migrações fronteiriças podem e devem ser trabalhadas com fontes e dados de naturezas diversas, desde que sejam verificadas as condições de sua produção, suas subjetividades e intencionalidades.

Para Queiroz (1992), as pesquisas de abordagem qualitativa envolvem, com mais profundidade, o campo empírico dos sujeitos sociais. Sendo assim, as técnicas da entrevista e do uso do gravador, a coleta e a análise das histórias de vida e dos depoimentos, as investigações sobre a memória individual, a transmissão dos conhecimentos e a troca de experiências no contato entre narrador e pesquisador são questões instigantes para quem escolhe a trajetória de investigação voltada para as migrações fronteiriças.

Cada história de vida ou depoimento pessoal do migrante oferece oportunidades de o pesquisador estudar o fato social no seu interior, na fonte. Segundo Queiroz (1983), toda história de vida tende a ser um depoimento, isto é, não se constitui apenas em uma exposição cronológica de acontecimentos, mas trazer em si a riqueza de sentimentos, opiniões e atividades da pessoa que a relata. Dessa maneira, Queiroz (1988, p. 20) complementa que a história de vida “se divide como

relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.

Ao ressaltar a riqueza dos conteúdos a serem encontrados nos depoimentos pessoais e histórias de vida, assim como Chizzotti (2017), Queiroz (1992) chama atenção para a importância da formulação do problema, antes do início da pesquisa. A autora também destaca que a análise será orientada pelo problema.

Ao dialogar também com as palavras de Geertz (1978) acerca das questões concernentes ao processo de pesquisa, vamos reafirmando que a questão da metodologia é sempre um grande desafio para as ciências humanas e sociais. Inclusive, o autor menciona que a interpretação dos dados se dá em todos os momentos do estudo, desde os contatos prévios até a elaboração do texto com os resultados da pesquisa.

A proposição dessas reflexões permite considerar que é importante a realização do estudo bibliográfico e dos trabalhos de campo. Cria-se, na vivência, uma relação mais diversa, que produz uma nova visão do pesquisador, uma interpretação do sujeito enquanto agente, para que a pesquisa envolvendo migrantes no espaço fronteiriço seja não apenas um trabalho *sobre* eles, mas também *com* eles (Paula, Pires e Souza, 2019).

Com base no artigo de Brandão (2007), verificamos que o trabalho de campo requer um vínculo de confiabilidade entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. O autor nos alerta para as inúmeras dimensões que podemos encontrar em campo e como é necessária extrema atenção, desde a forma de inserção até as maneiras de conduzir as entrevistas. Neste ponto, a qualidade da pesquisa em ciências humanas e sociais depende do poder persuasivo de seus resultados e, basicamente, de como ela usa a linguagem para construir e representar significados.

Neste estudo, é adotado o argumento de que metodologias qualitativas – tais como entrevistas semiestruturadas, etnografias e observações diretas – são ferramentas valiosas para a produção de dados sobre o fenômeno da mobilidade humana, capazes de fomentar interpretações e o desenvolvimento de conceitos fundamentados em pesquisas empíricas (Maciel e Almeida, 2018).

As técnicas de pesquisa incorporadas ao método etnográfico – entre elas, a observação participante, entrevistas livres e o uso do diário de campo – são fundamentais para manter vivas e registradas as informações obtidas ao longo do trabalho. Cabe salientar que, nos estudos das migrações fronteiriças, também é indispensável a interdisciplinaridade (Durand e Lussi, 2015). Na verdade, esta temática é dinâmica, e por este motivo pode ser complementada com enfoques da sociologia, demografia, história, geografia e antropologia, que favorecem uma visão integral do fenômeno migratório em contexto fronteiriço.

Considerando-se as áreas do conhecimento citadas como responsáveis pelo estudo da integração do sujeito migrante em uma determinada cultura fronteiriça, a metodologia da história oral, responsável por tratar de situações mais recentes, se beneficia de interpretações ou formulações teóricas elaboradas para o estudo de contextos históricos já distanciados no tempo, sendo também responsável por (re) construir a trajetória de vida de migrantes (Assis, 2007).

Ainda para Assis (2007), o relato oral busca, ao focar a experiência migratória fronteiriça, reconhecer que os informantes são agentes sociais e históricos do processo migratório. São eles que vivem experiências de vida e falam sobre elas, fazem e narram sua história. Ao refletirem sobre suas histórias de vidas e ao narrá-las, criam significações para suas ações e seus imaginários. Por meio dos relatos que constroem acerca de sua experiência migratória, revelam e esclarecem a experiência de migrar, permanecer e retornar.

Em contribuição a esse debate, cabe esclarecer que as redes sociais podem ser entendidas como instrumentos de pesquisa ou métodos de análise que complementam os pressupostos da metodologia da história oral nos estudos fronteiriços. De acordo com Truzzi (2008), as redes sociais explicam como são forjadas as relações sociais, tornando-se um instrumento valioso para o estudo das ações sociais. Consequentemente, as redes sociais se opõem aos pressupostos de uma teoria econômica neoclássica, já que proporcionam mais autonomia para que o sujeito migrante escolha suas próprias condutas e interpretações.

É por isso que Assis (2007) defende que a história oral é uma fonte significativa para apreendermos a experiência migratória, pois nos permite “dar voz” às experiências vividas pelos migrantes, que muitas vezes não se encontram registradas em outras fontes de pesquisa. Ressaltar esta particularidade é fundamental para que, na próxima seção, sejam apresentados conceitos e características da história de vida, que se desdobra da história oral, enfatizando-se seu uso nas pesquisas que tratam das migrações fronteiriças.

5 O USO DA HISTÓRIA DE VIDA EM PESQUISAS SOBRE MIGRAÇÕES FRONTEIRIÇAS

A metodologia da história oral recobre uma quantidade de relatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação não se quer completar (Lucena, Campos e Demartini, 2008). Colhida por meio de entrevistas de diferentes formas, ela registra a experiência de um só migrante ou de diversos migrantes da mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo. Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja uma história de um grupo.

Na pesquisa voltada para as migrações fronteiriças, destaca-se a história de vida, que está dentro de um quadro amplo da história oral e se liga estreitamente à noção de narrativa, tornando-se uma compilação das experiências vividas pelos indivíduos ou grupos, no passado e no presente. Cabe destacar que os pesquisadores das migrações fronteiriças situam os relatos da narrativa nos contextos sociais, políticos, econômicos e históricos em que essas experiências tiveram lugar (Gill e Godson, 2015).

Da mesma forma, para Lucena, Campos e Demartini (2008), a história de vida, nas migrações fronteiriças, se define como um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando (re)constituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Outro aspecto fundamental da história de vida é o fato de ela ser uma técnica cuja aplicação demanda longo tempo. Não é em uma ou duas entrevistas que se esgota o que um informante migrante pode contar sobre si mesmo, tanto mais que uma das dificuldades consiste em se chegar a pôr um final nas entrevistas, pois o narrador em geral afirma que tem sempre novos detalhes a acrescentar.

O enfoque da história de vida permite que os migrantes das regiões de fronteira relatem sobre seu cotidiano ou até mesmo a respeito de ações que já ocorreram. Ou seja, baseia-se na “premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores” (Spindola e Santos, 2003, p. 120). Na realidade, esse método possibilita ao pesquisador contatos com diferentes memórias, as quais constituíram o desenvolvimento do migrante, tanto pessoal como profissionalmente, como também permitem ao migrante pesquisado o estabelecimento de um diálogo interior com seu próprio eu, tomando consciência sobre sua existência e compreendendo, assim, sua trajetória de vida (Maccali *et al.*, 2013).

Queiroz (1988) assevera que o relato de um migrante sobre sua existência, através do tempo, (re)constrói os acontecimentos que vivenciou e, de igual modo, transmite a experiência que adquiriu, desvelando fatos significantes que revelam a identificação do narrador com o seu grupo social, familiar e profissional, na construção de sua identidade; ou seja, é a *invenção de si mesmo*, pela exposição de uma versão sempre baseada nos fatos reais de sua vida. O método de história de vida possibilita que os indivíduos apresentem suas histórias, falem de si, recorram à memória, às lembranças e a seus testemunhos. Em outras palavras, as pessoas não apenas contam histórias, mas as contam para decretar algo acerca de si mesmas e de sua comunidade (Boje, 1995).

Do ponto de vista de Ricoeur (1994), a história de vida tem uma implicação profunda para outro conceito, o da identidade do eu. Nesse processo, a identidade em si é cultural, histórica, social e pessoal, estando identidade e narrativa

intrinsecamente ligadas. Ainda para Ricoeur (1994), a identidade é a personalidade, é a resposta à pergunta “quem sou eu?”. Nessa mesma perspectiva, Ricoeur (1988, p. 246) argumenta que responder à pergunta “quem?” é contar a história de uma vida e, conseqüentemente, a identidade narrativa constitutiva da consistência do eu, podendo “incluir mudança, mutualidade, dentro da coesão da extensão de uma vida”.

De maneira similar, Giddens (1991) assinala que a identidade do eu da pessoa é essencial à sua segurança ontológica, que é robusta e frágil ao mesmo tempo. Ele frisa a importância de se manter a continuidade da identidade do eu no mundo cotidiano, deixando claro que “para termos consciência de quem somos temos de ter uma noção de como nos tornamos isso e para onde estamos indo” (Giddens, 1991, p. 54).

No enfoque apresentado, o uso de narrativas de vida em pesquisas sobre as migrações fronteiriças facilita à pessoa apreciar o passado, “viver com o presente e (...) enfrentar e desafiar o futuro” (Hitchcock e Hughes, 1995, p. 186). Da mesma forma, a pesquisa que adota a história de vida segue um enfoque qualitativo para a coleta de dados, mediante entrevistas aprofundadas, embora alguns pesquisadores adotem também um enfoque de método misto.

Em resumo, nesse processo, a obtenção de uma história de vida requer que o pesquisador das migrações fronteiriças possua um preparo especial em relação ao problema que vai abordar e à técnica da história de vida que será adotada no estudo. É importante registrar também algumas das limitações encontradas na utilização da história de vida, que podem servir de alerta para os trabalhos futuros. Neste caso, são importantes o planejamento e o treinamento prévio à entrevista, bem como um trabalho de revisão do método aplicado e a preparação da próxima etapa, evitando a perda do foco sobre o fenômeno e a profundidade do relato (Manen, 1990).

É bom ressaltar que a história de vida tem como consequência tirar o pesquisador do seu pedestal de “dono do saber” e ouvir o que o sujeito pesquisado, no caso deste estudo o migrante, tem a dizer sobre si mesmo, isto é, sobre o que ele acredita ser importante sobre sua vida. Outro aspecto importante a ressaltar é que o trabalho do pesquisador deve respeitar a individualidade do migrante, procurando o momento certo para fazer indagações relacionadas ao contexto fronteiriço.

No geral, a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados, no contexto fronteiriço, encontra-se a possibilidade de aquele que narra sua história experimentar uma ressignificação de seu percurso e dar continuidade à construção de um sentido frente a este relato endereçado (Camargo, 1984). Por fim, a história de vida revela que, por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando também quão genérica é a trajetória do ser humano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo atentou, sobretudo, para uma técnica de pesquisa qualitativa em processos migratórios fronteiriços, a história de vida. O intuito deste estudo foi demonstrar as potencialidades da história de vida, enquanto um desdobramento da história oral, para a compreensão dos projetos e dos processos sociais das migrações em contextos fronteiriços, na medida em que esta ferramenta metodológica se torna capaz de captar as subjetivas dimensões espaciais e temporais dos sujeitos migrantes a serem entrevistados.

Essa compreensão permite perceber que o complexo processo migratório fronteiriço não se explica unicamente por motivações subjetivas captadas pela história de vida, ainda que o migrante venha a organizar sua experiência migratória dessa forma. Apesar disso, é necessário que o pesquisador tenha a consciência de que as experiências individuais captadas qualitativamente revelam os aspectos da estrutura social, se assim forem analisadas e consideradas.

Neste texto, vimos ainda que as fronteiras, sejam elas terrestres ou litorâneas, possuem características distintas que marcam a vida dos migrantes, no sentido de garantir a condição migratória, ainda que possam surgir estranhamentos nesse processo, como formas de xenofobia, por exemplo. É perceptível também que as fronteiras representam espaços diferenciados para as migrações. Nesse contexto, a história de vida garante o ponto de vista dos indivíduos acerca da sua trajetória enquanto migrantes.

Além disso, o estudo observou que as metodologias de pesquisa em ciências humanas e sociais possibilitam que os migrantes possuam visões particulares sobre os espaços fronteiriços, temática que contribui para que as identidades desses sujeitos sejam analisadas pelo pesquisador. Sob essa perspectiva, as pesquisas sobre fronteira relacionadas à temática da migração precisam refletir sobre as configurações dos espaços fronteiriços, destacando as mudanças nos projetos de vida de homens e mulheres migrantes.

Em suma, este capítulo destaca que a tarefa de refletir sobre as migrações fronteiriças, do ponto de vista de pesquisas na área das ciências humanas e sociais, é desafiadora, quando os migrantes, independentemente do lugar de origem, são compreendidos, ao interagirem com a sociedade estabelecida na fronteira. Essa reflexão motivaria o mesmo questionamento expresso em Sayad (1998): “O que é um migrante?”. Ora, tal questionamento poderia se estender ao migrante de fronteira, o que também dá abertura para que o capítulo se encerre com outra indagação importante: “Qual será o futuro das fronteiras brasileiras, diante as consequências das dinâmicas migratórias nos espaços fronteiriços?”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. L. Conflito e integração nas fronteiras dos “brasiguaios”. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 60, p. 579-590, set.-dez. 2010.
- ALMEIDA, M. G. de. Fronteiras sociais e identidades no território do complexo da usina hidrelétrica da Serra da Mesa-Brasil. *In*: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Org). **Visões do Brasil: estudos culturais em geografia**. Salvador: Ed. UFBA; Edições L’Harmattan, 2012. p. 145-166.
- ASSIS, G. de O. De Gonzaga para Londres, a história de Jean Charles de Menezes e seus significados no contexto da migração contemporânea. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL, 4., 2007, Florianópolis, Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis: ABHO, 2007.
- AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: Ed. UnB, 1988. 250 p.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 185-228.
- BENTO, F. R. Fronteiras, significado e valor: a partir do estudo da experiência das cidades gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. **Revista Conjuntura Austral**, v. 3, n. 12, p. 43-59, jun.-jul. 2012.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 395 p.
- BOJE, D. M. Stories of the storytelling organization: a postmodern analysis of Disney as “Tamara-Land”. **The Academy of Management Journal**, v. 38, n. 4, p. 997-1035, Aug. 1995.
- BONNEMAISON, J.; CAMBREZY, L. La lien entre frontieres et identités. **Géographie et Cultures**, Paris, n. 20. p. 7-18, 1996.
- BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1. p. 11-27, dez. 2007.
- CAMARGO, A. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, l. 27, n. 1, p. 5-28, 1984.
- CAMPOS, M. C. S. de S.; DEMARTINI, Z. de B. F.; LUCENA, C. T. (Org.). **Pesquisa em ciências sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. São Paulo: Ceru, 2008. v. 10, p. 7-14.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Ed. USP, 2008.
- CARDIN, E.; ALBUQUERQUE, J. L. C.; PAIVA, L. F. A fronteira como campo de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 49, n. 3, p. 15-23, nov. 2018-fev. 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Aculturação e “fricção interétnica”. **América Latina**, v. 6, n. 3, p. 33-46, 1963.

CHIZZOTTI, A. (Org.). **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

DURAND, J.; LUSSI, C. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. 136 p.

FERRARI, M. As noções de fronteira em geografia. **Unioeste**, v. 9. n. 10, p. 1-25, 2014.

FURQUIM JUNIOR, L. **Fronteiras terrestres e marítimas do Brasil: um contorno dinâmico**. 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GEERTZ, C. (Org.). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GILL, S.; GOODSON, I. Métodos de história de vida e narrativa. *In*: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Org.). **Teoria e métodos da pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 215-224.

HITCHCOCK, G.; HUGHES, D. (Ed.). **Research and the teacher: a qualitative introduction to school-based research**. Nova York: Routledge, 1995.

LIMA, M. C.; LEITE, M. de J. de B. A questão do espaço, das fronteiras no norte do Brasil: a Amazônia. *In*: LYRA JUNIOR, A. A. de. (Org.). **Governabilidade e fronteira: os desafios amazônicos**. Boa Vista: Ed. UFRR, 2012. v. 1, p. 15-43.

MACCALI, N. *et al.* História de vida: uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2013.

MACHADO, L. O. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, v. 8, p. 9-29, 2000.

MACIEL, L. M.; ALMEIDA, G. M. R. de A. As potencialidades da perspectiva qualitativa nas pesquisas sobre as identidades sociais e os projetos de mobilidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 21., 2018, Poços de Caldas, Minas Gerais. **Anais...** Poços de Caldas: Abep, 2018.

MANEN, M. V. (Org.). **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. New York: The State University of New York, 1990.

MARANDOLA JUNIOR, E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 161-181, jul.-dez. 2009.

MARINUCCI, R. Enfrentando a multiplicação de fronteiras. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, n. 44, p. 7-9, jan.-jun. 2015.

MARTIN, A. R. Migrações e fronteiras: desafios à soberania na Amazônia brasileira. **Projeto História**, São Paulo, n. 23, p. 431-437, nov. 2001.

MARTINS, J. de S. (Org.). **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MAZZEI, H. (Ed.). **Rivera (Uruguay) – Sant’Ana (Brasil)**: identidad, territorio e integración fronteriza. Montevideo: Universidad de la República, 2001.

MENDES, A. R. **A constituição das fronteiras marítimas brasileiras**: do “mar territorial” à “Amazônia azul”. 2006. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2006.

PAULA, A. M. N. R. de; PIRES, M. C. C.; SOUZA, C. N. Metodologia e pesquisa no campo das migrações internas: um estudo sobre o processo migratório de norte mineiros. **Confluências. Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 21, n. 1, p. 6-30, 2019.

PÊGO, B. *et al.* Contribuições iniciais para o estudo da fronteira litorânea. *In*: PÊGO, B. *et al.* (Coord.). **Fronteiras do Brasil**: referências para a formulação de políticas públicas. Brasília: Ipea, MI, 2021. v. 6, p. 285-356.

PESAVENTO, S. J. Além das fronteiras. *In*: MARTINS, M. H. (Org.). **Fronteiras culturais**: Brasil, Uruguai, Argentina. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-39.

PÓVOA NETO, H. O lugar da violência nos estudos sobre migrações e mobilidade social. *In*: PÓVOA NETO, H. *et al.* (Org.). **A experiência migrante**: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 469-473.

QUEIROZ, M. I. P. de. (Org.). **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Ceru/FFCL-USP, 1983.

_____. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In*: QUEIROZ, M. I. P. de.; SIMSON, O. de M. V. (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

_____. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. **Textos Ceru**, n. 3, p. 13-29, 1992.

_____. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In*: LUCENA, C. T.; CAMPOS, M. C. S. S.; DEMARTINI, Z. de B. F. (Org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. São Paulo: Ceru, 2008. p. 35-77.

RAFFESTIN, C. (Org.). **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

RICOEUR, P. (Ed.). **Time and narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1988. v. 1.

_____. (Org.). **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papirus, 1994. t. 1.

SANTOS, A. R. **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a fronteira Brasil/Venezuela**. 2018. 222 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SAYAD, A. (Org.). **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, G. Imigração e (re)construção de identidades étnicas. *In*: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 17-34.

SILVA, M. A. M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. *In*: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. da. (Org.). **Simpósio internacional migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais (coletânea de textos)**. São Paulo: Ed. USP, 2007. p. 57-68.

SILVA; MENEZES, M. A. de. Migrantes temporários: fim dos narradores? *In*: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. da. (Org.). **Simpósio internacional migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais (coletânea de textos)**. São Paulo: Ed. USP, 2007. p. 69-85.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista de Enfermagem USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

TREBITSCH, M. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. *In*: FERREIRA, M. de M. (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 19-43.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

TURNER, F. J. The significance of the frontier in American History. *In*: TURNER, F. J. **Rereading Frederick Jackson Turner: “The significance of the frontier in American history and other essays”** – with commentary by Jonh Mack Faragher. New York: Yale University Press; New Haven, London: 1998. p. 31-60.

VARGAS, F. A. (Org.). **Formação das fronteiras latino-americanas**. Brasília: Funag, 2017.

VIANA, H. **História das fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1948.

VILA, P. (Ed.). **Crossing borders, reinforcing borders: social categories, metaphors and narrative identities on the US-Mexico frontier**. Austin: University of Texas Press, 2002.